

## A PINTURA POPULAR VOTIVA NO SÉC. XVIII

(Algumas reflexões a partir da colecção de Matosinhos)

Por **Agostinho Araújo**

«Os oculos, senhor, ao ar alçados,  
Os filhos e a consorte compungindo,  
Vão piedoso jarreta construindo  
Em santo alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados,  
Rotos baixéis aos mares resistindo,  
E pallidos doentes resurgindo  
D'entre medicos maus, até pintados

São más as tintas; mas é bom o intento

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

*Nicolau Tolentino \**

---

\* Soneto «Em agradecimento ao mesmo conde» [Conde de Resende], in *Obras Completas* de Nicolau Tolentino de Almeida, com alguns ineditos e um Ensaio Biographico-Critico por José de Torres. Illustradas por Nogueira da Silva, Lisboa, Editores Castro, Irmão & C.ª, 1861, p. 20.

## Introdução

«A pintura popular, em todas as suas expressões, é alvo, hoje em dia, de uma estima nova, não somente pela sua qualidade artística, como também pelo seu conteúdo, às vezes precioso. Nasceu este novo interesse entre críticos e coleccionadores, que, por intermédio de exposições e escritos, têm conseguido abrir os olhos do grande público às virtudes incontestáveis desta forma de observar e recordar, sem convenções académicas, a vida e os costumes de passadas épocas [...] Neste sentido, não há nada mais útil do que as tábuas votivas, que o povo português antigamente oferecia a certos santos poderosos da sua predilecção, em agradecimento de acontecimentos felizes que julgava procederem de intervenções milagrosas» — nesta breve apresentação evocámos Robert C. Smith<sup>1</sup>, autor de alguns valiosos trabalhos<sup>2</sup> que (à distância de meio século!) vieram prosseguir, agora em benefício da História da Arte, quanto, documentadamente e com largueza de perspectivas, haviam já dito sobre o alicianete tema Rocha Peixoto<sup>3</sup> e depois Luís Chaves<sup>4</sup>, etnógrafos.

---

<sup>1</sup> Vd. *Alguns Ex-Votos do Museu Etnográfico da Póvoa de Varzim*, in Boletim Cultural «Póvoa de Varzim», vol. III, 1964, n.º 2, p. 167.

<sup>2</sup> Além do anteriormente citado: *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*, Matosinhos, ed. da Câmara Municipal, 1966; *Ex-voto paintings of the late 18th century*, in «The Journal of The American Portuguese Cultural Society», vol. I, n.º 2, 1967, pp. 21-30; *Dois tábuas votivas do Norte de Portugal*, Coimbra, 1968, separata do vol. V das «Actas do V Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros»; e *O carácter da tábua votiva luso-brasileira*, in «Colóquio/Artes», 2.ª série, n.º 6, Fevereiro de 1972, pp. 58-62.

<sup>3</sup> *Ethnographia Portugueza. Tabulae Votivae (Excerpto)*, in «Portugalia», tomo II, n.º 2 (Porto, 12 de Maio de 1906), pp. 187-212. Publicado também no vol. I — *Estudos de Etnografia e de Arqueologia*, pp. 187-216, das *Obras de Rocha Peixoto*, com organização, prefácio, notas e índices de Flávio Gonçalves, Porto, ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1967.

<sup>4</sup> *Ex-Votos do Museu Etnológico Português. Catálogo Descritivo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915 — é a separata dos artigos publicados no ano anterior in «O Archeologo Português»: *A colecção de «milagres» do Museu Etnológico Português* (vols. XIX, pp. 152-176 e XX, pp. 214-219), *Nota ao artigo: a colecção de «milagres» do Museu Etnológico Português* (vol. XIX, pp. 245-248) e *Os «ex-votos» esculpturados do Museu Etnológico Português* (vol. XIX, pp. 290-300); «*Folklore de S.ta Victoria do Ameixial (Extremoz)*», in «Revista Lusitana», Lisboa, 1916, 19.º volume, pp. 324-329 (cap. VIII: *As legendas dos «milagres»*); *A Arte Popular. Aspectos do Problema*, Porto, Portucalense Editora, 1943, pp. 100-108; e *Na arte popular dos ex-votos — Os «milagres»*, Guimarães, 1970, separata do vol. LXXX da «Revista de Guimarães».

A par de tantas outras localidades do País, de Lisboa<sup>5</sup> a obscuras freguesias rurais<sup>6</sup> ou atlânticas<sup>7</sup>, pode o Porto oferecer também interessante material para o estudo da nossa pintura popular votiva<sup>8</sup>.

São conhecidos, com efeito, alguns ex-votos em diversos templos da cidade, como as igrejas do Bonfim<sup>9</sup>, de São João

---

<sup>5</sup> Vide as colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (cf. nota anterior), do Museu de Marinha, do Museu Militar e do Museu de Arte Popular (cf. Maria Madalena Cagigal e Silva, «A Pintura», in *A Arte Popular em Portugal*, vol. II, direcção de Fernando de Castro Pires de Lima, Lisboa, 1960, pp. 106-114).

Muito importante é o acervo da Capela do Senhor dos Passos da Graça — cf. *Esboço Histórico da Veneranda Imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça e templo da mesma invocação. Acompanhado das inscrições dos quadros existentes na parte inferior da capella, em que a mesma imagem se venera, e que por grande numero de fieis lhe foram offerecidos, commemorando mercês recebidas, bem como a descrição de alfaias, paramentos, ceremonias, origem da irmandade, etc.*, Lisboa, 1874, pp. 27-48.

O conjunto da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, outrora numeroso (cf. Luis Chaves, *Ex-votos do Museu Etnológico...*, p. 4), está hoje muito dizimado.

<sup>6</sup> Por exemplo:

— *Tuizelo*, concelho de Vinhais — cf. P.<sup>o</sup> Francisco Afonso, *Arte Popular. Quadro Votivo*, in «Mensário das Casas do Povo», Lisboa, ano VI, n.<sup>o</sup> 66 (Dezembro de 1951), p. 21.

— *Caparrosa*, conc.<sup>o</sup> de Tondela — cf. *Exposição de Arte Sacra. Subsídios para o Inventário Artístico do Concelho de Tondela* [Catálogo], Caramulo, Junta de Turismo do Caramulo, Junho de 1951, p. 73.

— *Terena*, conc.<sup>o</sup> do Alandroal — cf. José Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 595.

<sup>7</sup> Mencionemos também apenas três:

— *Arelho*, concelho de Óbidos — cf. Pedro A. de Azevedo, *Ex-voto de Arelho*, in «O Archeologo Português», Lisboa, Imprensa Nacional, 1912, vol. XVII, p. 298.

— *Porto Brandão*, conc.<sup>o</sup> de Almada — cf. *Exposição de Arte Sacra* [Catálogo], Almada (no Convento dos Capuchos), 1959 (por ocasião da inauguração do monumento a Cristo Rei), página não numerada, n.<sup>o</sup> 103.

— *Ferragudo*, conc.<sup>o</sup> de Lagoa — cf. Alberto Iria, *Ex-votos de mareantes e pescadores do Algarve (Religião & Náutica)*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha, 1973, pp. 19-27.

<sup>8</sup> Convém recordar que se incluíam vinte painéis votivos (procedentes de Viana do Castelo, Bouro, Braga, Fão, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos, Porto, Coimbra e Ihavo) entre a valiosa documentação reunida em 1963 — cf. *O Rio e o Mar na Vida da Cidade (Exposição Documental)* — *Roteiro*, Porto, Gabinete de História da Cidade, páginas não numeradas, n.<sup>os</sup> 155 a 174.

<sup>9</sup> Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, in «Portugalia», II, p. 198.

Novo<sup>10</sup>, do Seminário<sup>11</sup> e de São João da Foz<sup>12</sup> e as capelas de Nossa Senhora da Esperança (Miragaia)<sup>13</sup> e de Santa Catarina<sup>14</sup> e do Senhor e Senhora da Ajuda<sup>15</sup> (estas ambas em Lordelo do Ouro); e não se ignora que a colecção do Museu de Etnografia e História não teme o cotejo com as congéneres<sup>16</sup>.

Não obstante, quase todas as peças que ainda se encontram a cumprir a sua finalidade gratulatória nos altares ou sacristias são oitocentistas<sup>17</sup> — a excepção é o «milagre» que em 1746 Manuel Gomes Ramos deu ao «ST.º ANT.º DA IVDA» por lhe ter valido quando esteve «ENFERMO NO SERTÃO DO BRA-

---

<sup>10</sup> Cf. *O Rio e o Mar na Vida da Cidade...*, n.º 168 e *Exposição de Ex-Votos Marítimos* [Catálogo], Matosinhos, promovida pela Comissão Municipal de Turismo, Junho de 1963, páginas não numeradas, n.º 66.

<sup>11</sup> Cf. José da Silva, *Santa Quitéria em Terras de Felgueiras (Notas Históricas, Bibliográficas e Etnográficas)*, in «Douro Litoral», Porto, 2.ª série, 1947, fasc. IX, p. 27 (n.º 1).

<sup>12</sup> Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, in «Portugalia», II, pp. 193 e 195.

<sup>13</sup> Cf. *O Rio e o Mar na Vida da Cidade...*, n.º 167 e *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 65.

<sup>14</sup> Cf. *O Rio e o Mar na Vida da Cidade...*, n.º 169; *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 67; e Ernesto Soares, *Breve notícia de milagres — «ex-votos» relacionados com o Rio e Barra do Douro*, in «Boletim Cultural», Câmara Municipal do Porto, vol. XXVIII, Março-Junho de 1965, fascs. 1-2, gravura em página não numerada.

<sup>15</sup> Cf. Adriano Coutinho Lanhoso, *A Capela do Senhor e Senhora da Ajuda, de Lordelo do Ouro*, in «O Tripeiro», Porto, série VI, ano II, 1962, n.º 3 (Março), p. 72.

<sup>16</sup> Vide nota 5.

Citem-se ainda, entre outros, os Museus da «Sociedade Martins Sarmiento» de Guimarães (cf. Luís Chaves, *Na arte popular dos ex-votos...*, pp. 11-14, n.ºs 6 e 7 — ambos com gravura, em página não numerada — 8, 9 e 10), de Arte Sacra de Braga, de Etnografia e História da Póvoa de Varzim (cf. nota 1), Municipal de Pinhel, Marítimo e Regional de Ilhavo, Municipal «Dr. Santos Rocha» da Figueira da Foz e de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

No Museu Nacional de Soares dos Reis permanecem injustamente afastados da apreciação do público quatro «milagres» provenientes da Póvoa de Varzim e Vila do Conde — cf. Carlos da Silva Lopes, *Quatro tábuas votivas dadas por Rocha Peixoto ao Museu Municipal do Porto*, in Bol. Cul. «Póvoa de Varzim», vol. VI, 1967, n.º 2, pp. 209-219 (ilust.).

<sup>17</sup> Por ordem cronológica:

- «Milagre» de Nossa Senhora da Guia a Manuel José Antunes (1835) — Igreja de São João Novo.
- «Milagre» de Nossa Senhora dos Anjos à «Barca Comercio Marítimo» (1848) — Capela de Santa Catarina (Lordelo do Ouro).
- «Milagre» de Santa Clara à «companha noua da Snr.ª dajuda» (1851) — Igreja do Bonfim.
- «Milagre» de Nossa Senhora da Esperança a I. C. Biaia (1858) — Capela de Nossa Senhora da Esperança (Miragaia).
- «Milagre» de Nossa Senhora da Bonança a António Vieira (1865) — Igreja de São João da Foz do Douro.
- «Milagre» de Santa Quitéria a Zeferino Severino Firmino Souza de Meirelles (1878) — Igreja do Seminário.

ZIL»<sup>18</sup>; e perante o conjunto reunido no Museu que habita o Palácio de São João Novo apenas podemos apontar, com segurança<sup>19</sup>, um testemunho de devoção portuense no séc. XVIII: a tábuca do Capitão Francisco de Sousa Pereira Gomes, a quem Nossa Senhora do Castelo (da Foz) fez escapar à revolta de cento e setenta escravos negros, também no Brasil e passado apenas um decénio sobre a doença do (possivelmente) seu conterrâneo Gomes Ramos<sup>20</sup>.

Ora, nas proximidades deste velho burgo e entre os santuários mais frequentados pelos seus habitantes, hoje como ontem<sup>21</sup>,

---

<sup>18</sup> Transcrição integral da legenda: «M — Q — FIES — ST.º ANT.º DA FVDA A MEL/GOMES — RAMOS — ESTANDO — ENFERMO — NO/ /SERTÃO — DO BRAZIL — DESCONFIAO — /DOMEDICO — SE OFERECEEV — O ST.º — /LHE DEV — SAVDE — 1746» — cf. A. Coutinho Lanhoso, *Art. cit.*

<sup>19</sup> Quando se efectuar o estudo, sem dúvida merecido, das vinte e duas obras desta colecção verificar-se-á logo a dificuldade em descobrir a proveniência de muitas delas. Os livros de «Registo Geral» do Museu apenas dizem que foram adquiridas treze, referindo expressamente uma em Grimalcelos, três a Francisco Pereira (Porto) e seis no Salão Silva Porto (também desta cidade); uma outra, com o n.º 1837 e que muito provavelmente é originária de Terroso (Póvoa de Varzim) foi doada pelo Dr. Pedro Vitorino — cf. «Registo Geral», Livro 1, fols. 61 v. e 62.

Haverá porventura que recorrer às indicações toponimicas contidas nas legendas, ao exame das invocações e ao confronto com outros exemplares já devidamente identificados.

<sup>20</sup> Transcrição da legenda: «M. q. F.ies N. S.ra Dorozario do Castello ao Capp.am Fran.co de Souza/P.ra Ges q.e indo doresife de pern.co p.a Sidade dorio de Janr.º com cento/e setenta negros e naltura de catorze graos /Sbio presegado dos negros/q.e Se lebantarão e ofusendoce a S.ra o livrou de tam grande prigo. No anno 1756» — cf. Augusto César Pires de Lima, «Nossa Senhora — Padroeira dos Navegantes», in *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, vol. I, Porto, Junta de Provincia do Douro Litoral, 1947, pp. 87-88 (c/ gravura); Idem, «Literatura Popular e Literatura Erudita», in *Ob. cit.*, vol. IV, 1949, p. 127 (só grav.); *Exposição de Ex-Votos* [Catálogo], Matosinhos, organizada pela Comissão Municipal de Turismo, 1960, páginas não numeradas, n.º 30; *O Rio e o Mar na Vida da Cidade...*, n.º 166; e *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 64.

<sup>21</sup> Veja-se, entre outros: D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, 1623, pp. 393-395; Manoel Tavares de Carvalho, *Relação e descurso sobre a insigne & notavel prosição em que foy levada à Cidade do Porto a Sagrada Imagē do S. Christo de Bouças, onde se cõta da antiguidade, memorias de sua milagroza vinda & successo depois q̄ sayo na praya do lugar de Matuzinhos cõ outras maravilhas merecedoras de se dar noticia dellas*, Coimbra, 1645; Antonio Coelho de Freitas, *Tratado da Veneranda, e Prodigiousa Imagem do Senhor de Bouças de Matosinhos, em que se contem o manifesto da Procissão solemne, em que foi Levada à Cidade do Porto pella necessidade das doenças, em 2 de Abril do Anno de 1696*, Coimbra, 1699; Antonio Cerqueira Pinto, *Historia da Prodigiousa Imagem de Christo Crucificado, Que com o titulo de Bom Jesus de Bouças Se Venera no Lugar de Matozinhos na Lusitania, em que se referem notaveis Antiguidades deste Reyno*, Lisboa, 1737; S/A., *O Santuário do Senhor de Matosinhos*, Porto, 1884; F. Fernando Godinho de Faria, *Monographia do Concelho de Bouças*, s/l, 1899, pp. 219-222; e Alberto Pimentel, *Sem passar a fronteira*, Lisboa, 1902, pp. 248-254.

ocupa certamente a Igreja do Senhor Jesus de Matosinhos um lugar de primazia. Avulta assim, quando nos interrogamos sobre a pintura de «milagres» neste espaço geográfico e humano, a colecção da Santa Casa da Misericórdia daquela vila, actualmente constituída por quarenta e seis unidades<sup>22</sup>, dois terços das quais setecentistas<sup>23</sup>. Mais do que o volume, aliás ainda apreciável, importa-nos bem realçar a diversidade temática, o nível estético e a riqueza de informações de todo o género, que lhe dão enfim um carácter modelar.

Raros serão, por conseguinte, os retábulos votivos do País que possam mostrar (como tantos destes nossos vizinhos) uma completa cobertura bibliográfica<sup>24</sup>, desde a presença destacada em catálogos de exposições<sup>25</sup> e álbuns nacionais<sup>26</sup> e até estrangeiros<sup>27</sup> à justificação de trabalhos científicos com assinalável fôlego. Na realidade, aí foi possível colher exemplos dos transe que suscitam a formulação do voto — doenças<sup>28</sup>, acidentes<sup>29</sup>, perigos no mar<sup>30</sup> — das variantes de palavras que abrem a legenda<sup>31</sup>, da posição social dos oferentes<sup>32</sup>; certas dessas pinturas mere-

---

<sup>22</sup> Distribuídas pela «Casa dos Milagres» e por uma pequena sala contígua à Secretaria, no 2.º piso. Não conseguimos encontrar a tábua de Antónia de Seixas, datada de 1753, a que o Prof. Robert C. Smith fez uma breve alusão (cf. *Dois tábuas votivas...*, p. 7, nota 2).

Queremos agradecer aqui ao Senhor Dr. Miguel António Martins de Oliveira, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos, aos seus colegas dirigentes e aos funcionários a amável e pronta colaboração que nos permitiu realizar este trabalho.

Ao dedicado amadorismo do nosso amigo Luís António Côrte-Real ficamos a dever o total levantamento fotográfico da colecção.

<sup>23</sup> Sendo dezanove (19) datadas e onze (11) atribuíveis.

<sup>24</sup> As referências à colecção, no seu todo, são numerosas, mais sucintas umas (como em José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor, 1887, vol. II, p. 655), outras mais desenvolvidas (cf. Guilherme Felgueiras, *Monografia de Matosinhos*, Lisboa, 1958, pp. 722-724). Este último autor declarou existirem na «Casa dos Milagres» alguns «painéis de registo de graças obtidas do Senhor de Matosinhos» que seriam «anteriores ao ano de 1600» (cf. *Ob. cit.*, p. 722), facto que, vinte anos volvidos, não podemos confirmar.

<sup>25</sup> Vd. *Exposição de Ex-Votos*, n.ºs 25, 26 e capa (o quadro de Gonçalo José Martins) e 27 a 29; *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.ºs 59 a 63; e *O Rio e o Mar na Vida da Cidade...*, n.º 165.

<sup>26</sup> Vd. Albino Lapa, *Livro de Ex-Votos Portugueses*, Lisboa, 1967, reproduções de várias peças em páginas não numeradas.

<sup>27</sup> Cf. F. et C. Bouillet, *Ex-Voto Marins*, Paris, Editions Maritimes et d'Outre-Mer, 1978, pp. 65 e 74.

<sup>28</sup> Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, pp. 203 e 204.

<sup>29</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 201. A epígrafe, que pormenorizadamente acompanhava a movimentada descrição pictural (óleo/madeira, 45 x 32 cm) da queda do António José de Macedo, cidadão portuense, «traçada numa faixa de lata anexa à moldura», desapareceu, entre a data em que Rocha Peixoto a pôde copiar e os dias de hoje...

<sup>30</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, pp. 196 e 199.

<sup>31</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 192.

<sup>32</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 207.

ceram, no puro plano da crítica artística, excelentes linhas de análise<sup>33</sup>, enquanto outras permitiram bem fundamentadas contribuições para o estudo da indumentária militar<sup>34</sup> e do mobiliário<sup>35</sup>.

Propomo-nos neste momento abordar determinados aspectos (no domínio técnico, tão só) da pintura popular votiva portuguesa de Setecentos. Foram motivação e base inicial alguns dos exemplares matosinhenses já publicados e outros, ainda desconhecidos, com que deparámos.

## Dimensões

Se tomarmos como referência os valores apontados por Rocha Peixoto no seu admirável estudo<sup>36</sup> — mínimo: 20 × 16 cm; média mais frequente: 50 × 35; máximo: 100 × 70 — podemos ver que na colecção de Matosinhos todos os elementos têm uma superfície superior à mínima (320 cm<sup>2</sup>). Entre as seis mais pequenas peças, quatro são inéditas<sup>37</sup> (com áreas variáveis entre 549 cm<sup>2</sup> e 660 cm<sup>2</sup>), uma esteve patente nas duas exposições ali promovidas, em 1960 e 1963, pela Comissão Municipal de Turismo<sup>38</sup> (é o «milagre» a dois anónimos devotos «ffogindo de huma embarcação Franceza», com 29 × 21 cm) e a outra, oferecida pelo soldado José Gonçalves e medindo 28 × 21,5 cm, despertou por duas vezes a atenção de um estudioso<sup>39</sup>, por documentar o fardamento em uso nos meados do século XVIII.

Interessante é também notar que a grande maioria dos ex-votos setecentistas do velho Senhor Jesus de Bouças tem dimensões abaixo do que em regra ocorre (50 × 35 cm, repetidos), rondando os 38,5 cm de largura por 27 de altura<sup>40</sup>.

---

<sup>33</sup> Cf. Robert C. Smith, *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, pp. 7-13; Idem, *Ex-voto paintings...*, pp. 28-29; Idem, *Duas tábuas votivas...*, pp. 5-8.

<sup>34</sup> Veja-se os artigos de Carlos da Silva Lopes: *Uma farda setecentista do Regimento de Infantaria do Porto*, in «Boletim dos Amigos do Porto», Porto, vol. I, 1952, n.º 2, p. 15 e *Sugere-se uma exposição temporária de ex-votos militares*, in «Museu», Porto, 2.ª série, n.º 5 (Agosto/1963), p. 56.

<sup>35</sup> Cf. a bibliog. cit. *supra* na nota 33, à excepção de *Ex-voto paintings...*

<sup>36</sup> Cf. *Art. cit.*, p. 191.

<sup>37</sup> Por ordem crescente: «milagre» de Domingos José Ferreira (1771) — 30,5 × 18 cm; «milagre» anónimo («a esta menina»), s/d — 26,5 × 21; outro anónimo («a uma sua devota»), também s/d — 29,5 × 20; e o de José de Figueiredo (igualmente de 1771) — 30 × 22.

<sup>38</sup> Cf. *Exposição de Ex-Votos*, n.º 25 e *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 62.

<sup>39</sup> Cf. a bibliog. cit. *supra* na nota 34 e ainda Albino Lapa, *Ob. cit.*, grav. em página não numerada.

<sup>40</sup> Mais precisamente, os valores médios que calculámos são: 38,3 × 27,2 cm.

E para além de tal média só ali registámos quatro retábulos, todos muito distantes das dimensões máximas<sup>41</sup> e um apenas (por sinal também inédito) mais próximo (45,5 × 63,5 cm) do tamanho de outros que conhecemos, por exemplo no Bouro<sup>42</sup>, em Azurara<sup>43</sup>, Felgueiras<sup>44</sup>, Lisboa<sup>45</sup> e, com mais abundância, em Elvas<sup>46</sup>.

## Suporte

Em 1967, num artigo que consagrou a várias tábuas votivas do Entre Douro e Minho datadas da segunda metade de Setecentos<sup>47</sup> (uma das quais é talvez a mais famosa da colecção da Misericórdia de Matosinhos, a de Gonçalo José Martins)<sup>48</sup>, o Prof. Robert C. Smith referiu a precedência cronológica da madeira em relação à tela e à chapa metálica como material

---

<sup>41</sup> Também por ordem crescente: «milagre» de João Rodrigues da Cruz Guimarães (1798) — 37,5 x 52 (tipo vertical) — inédito; o de Cipriano Ribeiro Dias (1745) — 51,5 x 39 — cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, p. 205 e Robert C. Smith, *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 8; o de Josefa Maria de Jesus (s/d) — 53,5 x 40 — cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, pp. 204 e 210 (fig. 10), R. C. Smith, *Ibidem*, pp. 8-9 e Id., *Dois tábuas votivas...*, p. 7; e o do desembargador I. S. T. (s/d) — 45,5 x 63,5 (vertical) — também inédito.

<sup>42</sup> «Milagre q fes N. S. Dabbadia a Manoel Alves morador/ a Sam Vicente da cidade de Braga [...] 1726» — 63 x 48,5 — cf. Manuel de Aguiar Barreiros, *Ensaíos Iconográficos. Exposição Mariana*, Braga, 1954, p. 83 (n.º 433); *Exposição de Ex-Votos*, n.º 11 (c/ grav.) e *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 26 (c/ grav.); e F. et C. Boulet, *Ob. cit.*, pp. 98-99 (grav.).

<sup>43</sup> «Merse que fes, N. Sr.ª das Neves, a M.ªel Rodrigues Calafate, de Vi-/lla de Conde [...] no anno de 1717» — 74 x 54 — cf. Serafim Gonçalves das Neves, *Tradições Marítimas de Azurara*, in «Douro Litoral», Porto, 6.ª série, fascs. VII-VIII, 1955, p. 58 (c/grav.); *Exposição de Ex-Votos*, n.º 5; *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 53; Albino Lapa, *Ob. cit.*, gravura em página não numerada e Agostinho Araújo, *Exposição de Tábuas Votivas de Vila do Conde e seu concelho*, Vila do Conde, 1978, p. 16 (n.º 18).

<sup>44</sup> «Milagre que fes Santa Quiteria [...] a João Marcos Monteiro da Costa Vasconcelos da frg.ª de S. Martinho/de Ferreiros [...]» (s/d) — 57 x 39 — cf. José da Silva, *Art. cit.* (vd. *supra* nota 11), p. 28.

<sup>45</sup> «Milagre que fes N. Senhora do Carmo, a Maria Barbera [...] no anno de 1792» — 77,2 x 45,5 — cf. Luís Chaves, *Ex-Votos do Museu Etnológico...*, p. 24 (n.º 23).

<sup>46</sup> Além de outros de dimensões muito semelhantes, vd. o «Milagre que fes o Sr. da Piedade a Francisco Alves lavrador nas Espadas [...] ano 1789» — 65 x 45 — cf. Eurico Gama, *Os Ex-Votos da Igreja do Senhor Jesus da Piedade de Elvas*, Braga, 1972, p. 57 (n.º 10).

<sup>47</sup> Vide *Ex-voto paintings...* (cf. *supra* nota 2).

<sup>48</sup> Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, p. 196; Guilherme Felgueiras, *Ob. cit.*, p. 726 (grav.); S/A., «Iconografia e Cancioneiro do Senhor de Matosinhos», in *Matosinhos — 1959* [opúsculo publ. por ocasião das Festas desse ano], grav. (página não numerada); *Exposição de Ex-Votos*, n.º 26 e grav. (página não numerada); *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 61 e ilustração da capa; Albino Lapa, *Ob. cit.*, página não numerada (grav.); R. C. Smith, *Ex-voto paintings...*, pp. 25 (fig. 3) e 28-29; e F. et C. Boulet, *Ob. cit.*, p. 65 (grav.).

de suporte<sup>49</sup>. O facto de existirem quatro trabalhos executados sobre tela<sup>50</sup> entre os trinta<sup>51</sup> que agora consideramos posto que percentualmente se afigure pouco relevante deverá bastar, todavia, para sugerir o reexame do problema, demais a mais atendendo a que o ilustre investigador norte-americano não fundamentou a sua afirmação.

Notemos, desde logo, que, desses painéis votivos, três já foram atrás citados como sendo precisamente os de maiores dimensões de todo o conjunto. Evocando outras congéneres pinturas também sobre tela, dos começos aos finais do séc. XVIII<sup>52</sup>, e guardadas em Amarante<sup>53</sup>, Moreira da Maia<sup>54</sup>, Lisboa<sup>55</sup>, Elvas<sup>56</sup> e Loulé<sup>57</sup>, observamos que todas elas, excepção feita à última, ultrapassam com maior ou menor largueza o tamanho (50 × 35 cm) de que se avizinha o geral das peças.

Ainda mais significativo, contudo, é verificar-se que três dos mencionados ex-votos da Santa Casa da Misericórdia foram atribuídos por aquele grande estudioso da arte portuguesa ao «Mestre de Matosinhos» (os quadros de Cipriano Ribeiro Dias,

---

<sup>49</sup> Cf. R. C. Smith, *Art. cit.*, p. 21.

<sup>50</sup> Os «milagres» de Cipriano Ribeiro Dias, Josefa Maria de Jesus e do desembargador I. S. T. (cf. *supra* nota 41) e ainda o de Bernardo Gomes da Silva «Contra Mestre dagalera N. Sr.<sup>a</sup> daboanoua e Sam fr<sup>o</sup> e Almas» (1749) — 32,5 x 27 — cf. Robert C. Smith, *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 8 e Id., *Duas tábuas votivas...*, p. 6.

<sup>51</sup> Cf. *supra* nota 23.

<sup>52</sup> Para não mencionar a formosa tela (71 x 52,5) datada de 1656, oferecida por Manuel Gomes Ferraz a Nossa Senhora dos Remédios e que pertence à Igreja do antigo Convento de S. Domingos, em Viana do Castelo — cf. *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 8 (c/grav.) e José Rosa de Araújo, *Viana, Terra de Mar. Catálogo*, Viana do Castelo, Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais, Janeiro de 1972, n.º 23 (página não numerada); vide ainda Agostinho Araújo, *Gratulação e Proselitismo na Pintura de «Milagres»*, separata de «Beira Alta», Viseu, Assembleia Distrital, vol. XXXVIII, fasc. 4, 1979, nota 12.

<sup>53</sup> «Milagre / que fes o milagro/zo São GONSALO DaMaraNte no brazil A MANOel Pereira MaraNte [...] Aos 13 DejaNro de 1744 [...]» — 70 x 64 — Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, pp. 199 e 204 (fig. 7) e António Cardoso, *S. Gonçalo de Amarante. Lenda e História. O seu culto. Iconografia Amarantina. Exposição Biblio-Iconográfica*, Amarante, ed. Câmara Municipal, Junho de 1978, p. 47 (n.º 30).

<sup>54</sup> «M.gre q fes N. Sr.<sup>a</sup> DO ROZA.ro de MO.ra a M.el Farinha d'Reys [...] 1719» — 51 x 47 — cf. *Exposição de Ex-Votos Marítimos*, n.º 58 (c/grav.) e R. C. Smith, *O carácter da tábua votiva...*, p. 59.

<sup>55</sup> Cf. *supra* nota 45.

<sup>56</sup> Entre outros da mesma colecção, vejam-se os «milagres» que fez o Senhor Jesus da Piedade a «M.<sup>a</sup> Ignácia Mulher De Ioam gonsalves [...] 1738» — 55 x 47, «Joaquina uitoria [...] 1743» — 50 x 43, «ANT.<sup>o</sup> JOZE DA ORTA [...] 1756» — 50 x 45, «CAPP.AM MANOEL ROIZ GRAMIXO [...] 1764» — 67 x 75 e «ANT.<sup>o</sup> SARD<sup>a</sup> [...] 1770» — 70 x 50 — cf. Eurico Gama, *Ob. cit.*, respectivamente pp. 111 (n.º I), 54 (n.º 2), 111 (n.º II), 55-56 (n.º 6) e 56-57 (n.º 9).

<sup>57</sup> «Milagre que fes N. S. da Piedade a Manuel Gonçalves Gil [...] 1788» — 27 x 36,5 — cf. Alberto Iria, *Ob. cit.*, p. 33 (n.º 1).

Bernardo Gomes da Silva<sup>58</sup> e Josefa Maria de Jesus) e o restante, que revelamos agora, é também de apreciável factura, tal como, aliás, todos aqueles exemplares de diversos pontos do País.

Recordemos, a propósito, o que já em 1960 se escrevera numa apreciada síntese: «Em relação à antiguidade dos suportes, é difícil, se não quase impossível, dizer qual foi o primeiro suporte utilizado. Parece, todavia, quanto à pintura de carácter independente, que os mais antigos suportes conhecidos são a madeira e a tela, porventura contemporâneos, uma vez que a pintura popular em painéis foi em grande parte subsidiária da pintura erudita e a maioria das «alminhas» e «milagres» existentes data do século XVIII, época em que a pintura sobre tela estava completamente divulgada»<sup>59</sup>.

Impõe-se-nos, assim, entender quão diversos foram os graus de (in)formação e apuro técnico dos autores de «milagres» pintados, entre os quais não rareiam, de facto, os que estão bem longe de merecer a tom crítico do sábio da «Portugália», muito mais sensível — como lhe competia, de resto — ao valor etnográfico destes testemunhos que às suas potencialidades estéticas<sup>60</sup>.

Não se vislumbra, em boa verdade, risco maior em generalizar o comentário que Luís Chaves fazia à colecção do Museu de Belém: «Certamente se notam as diferenciações de situação social dos oferentes dos retábulos; e isto dá-se, tanto no material sobre o qual são pintadas as cenas, como na qualidade da pintura»<sup>61</sup>.

## Composição

Os «ex-votos médicos»<sup>62</sup> têm uma estrutura muito simples<sup>63</sup> que todos conhecem: de um lado, mais vezes o esquerdo, o

---

<sup>58</sup> Ao contrário do que afirma Robert C. Smith (cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 8) a legenda não contém qualquer referência aos dois «surigiosos».

<sup>59</sup> Cf. Maria Madalena Cagigal e Silva, *Ob. cit.*, p. 86.

<sup>60</sup> Cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, p. 190.

<sup>61</sup> Vide *Ex-Votos do Museu Etnológico...*, p. 9. Noutra oportunidade, o mesmo Autor confirmaria: «Os milagres, os ex-votos, as promessas de toda a espécie, fazem-na todos os crentes sem distinguir classe, e apenas o objecto oferecido ou o acto de culto difere na riqueza e perfeição — cf. *Os registos de Santos. Catálogo dos registos compreendidos em 4 volumes in-folio grande que pertenceram a Aníbal Fernandes Tomás, e hoje estão na posse do Museu Etnológico Português*, in «O Archeologo Português», Lisboa, vol. XXI, 1916, p. 31.

<sup>62</sup> Este grupo, na terminologia de António Castillo de Lucas — vd. *Ex-Votos (Ensayo con ejemplos tirsenses)*, in Boletim Cultural «O Concelho de Santo Tirso», vol. VI, 1958, p. 241 — corresponde ao de «episódios no interior doméstico», segundo o esquema classificativo proposto por Luís Chaves, *Na Arte popular dos ex-votos...*, p. 7.

<sup>63</sup> Basicamente, são ainda distinguíveis unidades mais elementares: falamos seja das que se reduzem ao retrato do doente que foi salvo — cf. o

doente no seu leito; do outro, a radiosa aparição de Cristo, da Virgem ou do santo intercessor que foi invocado. Quase sempre sotoposta, a legenda esclarece e completa o sentido da narração pictórica<sup>64</sup>, revelando-se, geralmente, matéria bem valiosa para os linguistas — assim o assinalaram diversos autores<sup>65</sup> e o comprovou, logo em 1895, José Leite de Vasconcellos<sup>66</sup>.

Alguns dos tantos exemplares em que o miraculado se refugia no anonimato<sup>67</sup> sublinham expressamente esta articulação íntima entre a pintura e o texto, no qual se podem ler passagens como «M q f [...] a este clérigo»<sup>68</sup> ou mesmo «como se vê no quadro»<sup>69</sup>.

Não surpreende, pois, que a modalidades de legenda com abundância de pormenores (nome e/ou parentesco em relação ao enfermo do devoto implorante, sombrio desânimo de «físicos e cirurgiões»<sup>70</sup>, presença do Padre<sup>71</sup> e extensão da prole que o eventual triunfo da Morte<sup>72</sup> deixaria desamparada) corresponda

---

ex-voto do «Desembargador I. S. T.», (s/d), da colecção de Matosinhos e que já citámos atrás; seja das que representam apenas a divindade ou o santo taumaturgo — cf. *Esboço Histórico...*, p. 27 (exemplo datado de 1756).

<sup>64</sup> A existência da legenda não é imprescindível, como acreditou Luís Chaves (cf. *Ex-votos do Museu Etnológico...*, p. 4) e, na sua esteira, Maria Madalena Cagigal e Silva (cf. *Ob. cit.*, p. 113; na realidade, como tivemos já ocasião de sublinhar (cf. *Exposição de Tábuas Votivas de Vila do Conde...*, p. 8), «o essencial da tábuas votiva é a narração do favor divino, podendo ser utilizada a linguagem literária ou a plástica, ou as duas em conjunto, como é mais vulgar».

<sup>65</sup> Entre outros, Rocha Peixoto, *Art. cit.*, p. 192, Luís Chaves, «*Folliclore*» de *S.ta Victoria do Ameixial...*, pp. 324-325 e Ernesto Soares, *Breve noticia de milagres — «ex-votos»...*, pp. 10-11.

<sup>66</sup> Vd. *Dialectos Alentejanos (Contribuições para o estudo de Dialectologia Portuguesa)*. IX — *Linguagem Popular do Concelho de Avis*, in «*Revista Lusitana*», Lisboa, 4.º anno (1895-1896), p. 226.

<sup>67</sup> Com curiosas gradações, como nos foi já possível ilustrar in *Gratulação e Proselitismo na Pintura da «Milagres»*, nota 47.

<sup>68</sup> Na colecção de Matosinhos, datado de 1753 — cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, pp. 207 e 211 (fig. 11). Neste e no seguinte exemplos, os itálicos são, obviamente, nossos.

<sup>69</sup> Cf. *Esboço Histórico...*, pp. 28-29 (exemplo datado de 1782).

<sup>70</sup> No começo do nosso trabalho que citámos atrás (cf. notas 52 e 67) fazemos referência a uma fábua setecentista que pertence à Casa-Museu de José Régio (Vila do Conde) onde a junta médica é formada por sete (7) elementos!

<sup>71</sup> Atente-se neste trecho da descrição do «milagre» — tipo de S. Torcato de Guimarães: «Viera o padre e lançara a absolvição da morte, adeus e acenar de esperanças à ressurgência para além do túmulo» — cf. Eduardo d'Almeida, *S. Torcato (Algumas Notas Dispersas)*, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXXIV, 1924, fasc. 4, p. 249.

<sup>72</sup> De grande interesse é o «milagre» da Senhora das Necessidades da capela de Santa Vitória do Ameixial (concelho de Estremoz) ao lavrador «Fr.co Roiz» (1803), pois aí se figura «no canto esquerdo, ao alto, a Morte, esqueletica, de asas negras, com uma gadanha dupla denteada, a encostar um dos ferros à frente do doente» — cf. Luís Chaves, «*Folliclore*» de *S.ta Victoria...*, p. 327 (n.º 13).

o desdobrar do número de personagens na cena que com escrípulos realistas se procura fixar. Tal solução ocorre sem dificuldade de Norte a Sul de Portugal e ao longo de todo o século XVIII<sup>73</sup> — e, por tudo isto, muito nos custa a aceitar que possa ser «uma fórmula especial de representação» própria dos meados dessa centúria e mais precisamente do famoso santuário do Santo Cristo de Bouças, como pretendia o Prof. Robert C. Smith, tipificando o ex-voto (s/d) de Manuel de Pereira e Sá<sup>74</sup>.

## Autoria

É possível distinguir os estilos de diversos autores populares de tábuas votivas, a bem dizer desde inícios até finais de Setecentos e em várias regiões do País. Uns mais espontâneos e rudes<sup>75</sup>, outros mais presos à imitação da pintura erudita — e entre estes e aqueles, recolhendo talvez o volume maior das encomendas, o modesto artifice que, de permeio com portas e

---

<sup>73</sup> Citemos alguns exemplos:

— *Azurara* — «Milagre» de Nossa Senhora da Conceição a Manuel Nogueira (1720) — cf. Rocha Peixoto, *Art. cit.*, p. 205; Bertino Daciano R. S. Guimarães, Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas e Serafim Gonçalves das Neves, *Azurara (Concelho de Vila do Conde). Subsídios para a sua Monografia*, Porto, Junta de Província do Douro Litoral, 1948, p. 297 (só grav.); Augusto César Pires de Lima, «Literatura Popular...» (cf. *supra* nota 20), p. 129 (só grav.); Robert C. Smith, *Ex-voto paintings...*, p. 22; Idem, *O carácter da tábua votiva...*, p. 60; e Agostinho Araújo, *Exposição de Tábuas Votivas...*, p. 12 (n.º 5), grav. (página não numerada) e nota 41 (p. 24).

— *Monte Córdova (St.º Tirso)* — «Milagre» de Santa Luzia a Manuel João Ferreira (1737) — cf. Antonio Castillo de Lucas, *Art. cit.*, p. 243 e fig. 3.

— *Mangualde* — «Milagre» de Nossa Senhora do Castelo ao Rev.º Simão Paes do Amaral (1743) — cf. Boaventura de Noronha, *Santuário de Nossa Senhora do Castelo. Pinturas Votivas*, in «Notícias da Beira» (Mangualde), ano XXII, n.º 556, 25 de Agosto de 1952, p. 2; Alexandre Alves, *História do Culto de Nossa Senhora do Castelo em Mangualde*, Viseu, Junta Distrital de Viseu, 1977, p. 65 e grav. (entre pp. 80 e 81); e Valentim da Silva, *Concelho de Mangualde. Antigo Concelho de Azurara da Beira*, Viseu, 1978 (2.ª ed.), p. 324.

— *Elvas* — «Milagre» do Senhor Jesus da Piedade ao Capitão Manuel Roiz Gramixo (1764) — cf. Eurico Gama, *Ob. cit.*, p. 55 (n.º 6).

— *Pinhel* — «Milagre» de Nossa Senhora das Fontes a D. Mariana Antonia de Menezes da Costa Fagundes Baçalar (1794) — cf. Ilídio da Silva Marta, *A Ermida de Nossa Senhora das Fontes no Concelho de Pinhel*, Guarda, 1941, p. 42, nota 1 e José Quelhas Bigotte, *O Culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, Lisboa, 1948, pp. 331-332.

<sup>74</sup> Cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, pp. 7-8.

<sup>75</sup> Vide Armando de Lucena, *Arte popular. Usos e Costumes Portugueses*, vol. I, Lisboa, 1942, p. 82.

janelas e ao sabor do empirismo oficial, ia fazendo «milagrosidades», para repetirmos um tom de benévola aceitação<sup>76</sup>.

Junto dos primeiros tomará lugar, por certo, o artista que compôs no ano de 1800 dois painéis em honra de Santa Quitéria de Felgueiras, para se cumprirem votos diferentes de membros de uma aristocrática família<sup>77</sup> e bem assim aquele outro encarregado, em 1769, de materializar o eterno reconhecimento devido à Virgem (sob as invocações da Misericórdia e da Encarnação) por um recluso vítima de acusação falsa<sup>78</sup> e Maria Josefa de Mesquita «da LixadaMar[n]te»<sup>79</sup>, obras feitas em rectângulos de dimensões iguais<sup>80</sup> (ainda inédita a segunda) e pertencentes ao Museu do Largo de São João Novo (Porto)<sup>81</sup>.

Contemporâneas (uma é de 1770<sup>82</sup>, a outra não tem data<sup>83</sup>) mas de mais apurada mão, citemos duas pequenas ofertas consagradas à Senhora das Dores que integram o património do Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim<sup>84</sup>.

A colecção de Nossa Senhora do Castelo (Mangualde) apresenta dois quadros com evidentes semelhanças entre si, executados apenas num intervalo de três anos, repare-se<sup>85</sup>; o mais antigo (1712-1714) é duplo — duas legendas e duas figurações, ordenadas de baixo para cima, narram dois lances perigosos da vida de uma criança<sup>86</sup> — e por isso muito raro, fazendo lembrar um ex-voto múltiplo, de 1749, que é pertença da Capela de Nossa Senhora de Monserrate, na cidade brasileira de Salvador (Baía)<sup>87</sup>.

<sup>76</sup> Cf. Eduardo d'Almeida, *Art. cit.*, p. 249.

<sup>77</sup> «Milagres» a D. Maria Joaquina de Meireles, da Casa de Argonça (48 x 22 cm) e a seu filho António Machado de Meireles (49 x 23) — cf. José da Silva, *Art. cit.*, pp. 27-28.

<sup>78</sup> Transcrição integral da legenda: «M. q̄ FES N. S DA.M EMVM-PRESO q̄ FALS-/AM.te ERA ACVSADO E RECOREV A. N. S. E LOGO/FOI SOLTO NO A. 1769 A.» — cf. R. C. Smith, *O carácter da tábuva votiva...*, p. 60.

<sup>79</sup> «MILAGRE q̄ Fes N S. DAEMCARNAÇA EM-/ MARIA IOZEFA DEMEQUITA, DA LIXADAMAR. N-/ TE q̄ ESTANDO GRAVM.te ENF. RECOREV AN./ S. LOGO SAROV NOA. 1769 A.».

<sup>80</sup> 37 x 25,5 cm; 37,5 x 25. Madeira.

<sup>81</sup> Números 2407 e 2409, adquiridos no «Salão Silva Porto» (cf. *supra* nota 19).

<sup>82</sup> «Milagre» a «Alvis Fran.co de Crasto» (45 x 33 cm).

<sup>83</sup> «Milagre» a «M.el F.º de M.ª Anto» (37,5 x 26).

<sup>84</sup> Cf. Robert C. Smith, *Alguns Ex-Votos do Museu Etnográfico...*, p. 168.

<sup>85</sup> O mais moderno é o «milagre» feito ao jesuíta António do Couto, em 1717 — cf. Boaventura de Noronha, *Art. cit.*; Alexandre Alves, *Ob. cit.*, p. 86 e grav. (entre pp. 80 e 81); e Valentim da Silva, *Ob. cit.*, pp. 323-324.

<sup>86</sup> «Milagres» a Leonarda, filha de António do Couto e provavelmente irmã do clérigo atrás mencionado — cf. Boaventura de Noronha, *Art. cit.*; e Alexandre Alves, *Ob. cit.*, pp. 86-88 e grav. (entre pp. 80 e 81).

<sup>87</sup> Cf. *Exposição de Arte Sacra. Retrospectiva Brasileira*, Rio de Janeiro, XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, Julho de 1955, p. 50 (n.º 251) e grav. (página não numerada) e R. C. Smith, *O carácter da tábuva votiva...*, p. 58.

Mais próximos de um nível escolar estariam, porventura, os pintores de retábulos a louvar o Senhor Jesus da Piedade de Elvas (pelos meados do século)<sup>88</sup> e a Nossa Senhora do Vale, em Cete (estes datados de 1747<sup>89</sup> e 1796<sup>90</sup>).

Todos esses homens cuja produção, muito devagar, aqui e ali se nos vai revelando, são, é claro, anónimas figuras.

Anónimo também permanece o famoso «Mestre de Matosinhos», a cujo labor (desenvolvido desde 1741<sup>91</sup> a 1772) o Prof. Robert C. Smith atribuiu um «milagre» do conjunto de Nossa Senhora da Abadia (Bouro)<sup>92</sup> e mais seis da Santa Casa da Misericórdia<sup>93</sup>. Entre as características das suas peças destacam-se a pequena estatura dos figurantes, o redondo dos rostos (de olhos grandes e altas sobranceiras), a minúcia dos trajes e uma habitual forma dos cortinados dos dosséis; o fixar sempre o Crucificado no ângulo superior direito da composição é apenas uma obediência às normas básicas de tais trabalhos, como, aliás, o notável investigador reconheceu<sup>94</sup>. Necessário é também dizer que o recurso sistemático aos rótulos parcialmente enrolados onde se inscrevem as legendas, se bem que auxilie a identificar as realizações do artista não lhe é exclusivo, nem pode vir em abono da sua originalidade — exemplifica-se em paragens tão

---

<sup>88</sup> «Milagres» ao Dr. José de Sequeira Pinto (1750) — 80 x 56,5; e a um anónimo — a legenda exemplifica a máxima sobriedade (e discrição...): apenas a palavra «Voto» (67 x 48) — Cf. Eurico Gama, *Ob. cit.*, pp. 55 (n.º 5) e 56 (n.º 7), respectivamente.

<sup>89</sup> «Merce» a Luís Coelho Furtado — cf. Armando de Mattos, «*Ex-voto*», «*painel de milagre*» ou «*tábua votiva*»? in «Douro Litoral», Porto, 2.ª série, VII, 1947, p. 38 (c/ grav.); Idem, *A ermida românica — ogival da Senhora do Vale (Cete)*, Porto, separata de «Douro Litoral», 2.ª série, VIII, 1947, p. 5, notas 2 e 3; e Albino Lapa, *Ob. cit.*, grav. (página não numerada).

<sup>90</sup> «Milagre» a Custódio Coelho Ferraz Moreira — cf. a bibl. citada na nota anterior.

<sup>91</sup> E não 1745, como o próprio R. C. Smith, por lapso, indica; com efeito, o que escreveu em *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 8 (linhas 23-24) e repetiu depois a propósito de *Duas tábuas votivas...*, p. 6 (linha 15) é contrariado no primeiro destes trabalhos, a pp. 9 (linhas 34-35) e 10 (linhas 1-2).

<sup>92</sup> Cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 10 e fig. 12 — cura de um menino anónimo.

<sup>93</sup> Além dos de Cipriano R. Dias, Bernardo G. da Silva e Josefa M. de Jesus, que já citámos ao longo deste nosso estudo (cf. *supra* notas 41, 50 e 58); o de Manuel Ferreira (óleo/madeira; 55 x 31,5), com data de 1754 — cf. *Duas tábuas votivas...*, pp. 5-8 e grav. (página não numerada) e *The Art of Portugal. 1500-1800*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1968, p. 206 e grav. 166; um de epigrafe já ilegível (óleo/madeira; 30,5 x 20) — cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 9 e fig. 11; e ainda o de José da Fonseca da Costa «do lugar de S. João da Fos», de 1772 (óleo/madeira; 38 x 28) — cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 10 e fig. 13 e *Duas tábuas votivas...*, pp. 6-7.

<sup>94</sup> Cf. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos...*, p. 8.

distantes como Balsamão (Chacim — Macedo de Cavaleiros<sup>95</sup>) ou o Barreiro<sup>96</sup> e temos para nós que se trata de uma prática então em voga, visando destacar a componente literária do ex-voto por meio de tal aparência de filactérios.

A concluir, pensamos que nos é possível acrescentar à obra conhecida do inspirado autor nortenho dois pequenos óleos sobre madeira, promessas de José de Figueiredo<sup>97</sup> (em 1771) e de Constantino José de Barros<sup>98</sup>, permitindo esta, que data de 1776, alargar assim por mais quatro anos o período da sua actividade.

---

<sup>95</sup> A freira Catarina Luís estando «veixada de spiritus» invocou o venerável P.e Casimiro «e foi libre» (1758) — inédito, pertencente à colecção do Convento concecionista de Balsamão. Sobre a figura do «santo polaco» (1700-1755), vd. A. J. de S. V., *Memoria acerca de Balsamão*, s/l [Typ. Bragança], 1859, pp. 100-120, Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico — Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, 1931, vol. VII, pp. 595-596 e, sobretudo, Henrique de Campos Ferreira Lima, *Frei Casimiro de S. José Wyszynski (Polaco). Introdutor da Ordem dos Marianos em Portugal*, Lisboa, 1936, separata do Tomo 2.º da «Revista de Arqueologia».

<sup>96</sup> «Milagre» de Nossa Senhora do Rosário a Ana Joaquina «POSSO-HIDA DEMOLESTIAS MALAFIÇIOZAS» (1783) — também inédito, hoje no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (com o n.º 92). Algumas achegas para a história de um culto que foi muito intenso nos séculos XVIII e XIX encontram-se em José Augusto Pimenta, *Memoria Historica e Descritiva da Villa do Barreiro*, Lisboa, 1886, pp. 41-64.

<sup>97</sup> Transcrição completa da legenda: «Milagre, que fes o Senhor de Matozinhos, a Joze de figueiredo, estando/gravemente emfermo, de huma doensa, e apegando-se com o Sñr Logo Se—/axou milhor, e isto Susedeu na vila de xaues, no anno de 1771» (30 x 22 cm).

<sup>98</sup> «Milagre, que fes o Sñr de Matozinhos, a Constantino — / Solteiro, filho de Maria Angelica, do Lugar de Sobre Douro frg.\* / Dabom a viaje estando m.to doente, dehña Pleuris Seapegou / com o Snr e Logo Seaxou Com Saude ANNO 1776 / Milagre que Fes o Bom Jezus a Constantino Joze Barros» (28,5 x 27,5).





N.ª S.ª do Rosário, do Castelo (Foz do Douro). "Milagre" do Capitão Francisco de Sousa Pereira Gomes. Museu de Etnografia e História do Distrito do Porto.

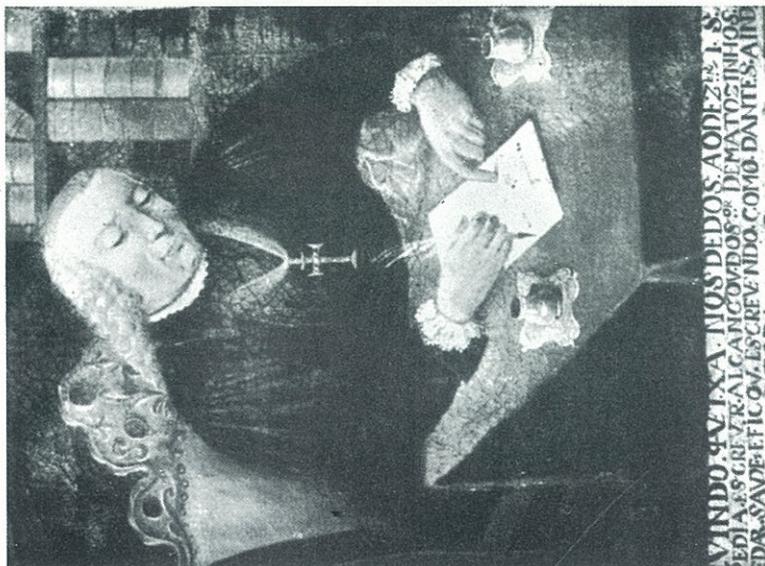


S.ª Jesus da Piedade (Elvas). "Milagre" do Capitão Manuel Roiz Gramixo. Igreja do Senhor Jesus da Piedade.





S.º de Matosinhos. "Milagre" de João Rodrigues da Cruz Guimaraes. Coleção da Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos.

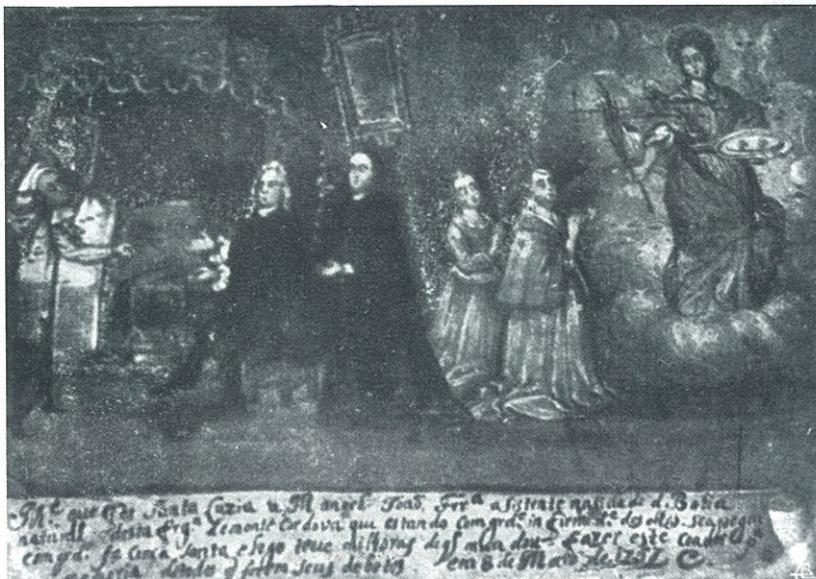


S.º de Matosinhos. "Milagre" do Desembargador I. S. T. Da mesma coleção.









Santa Luzia. "Milagre" de Manuel João Ferreira. Capela de S.ta Luzia em Monte Córdova (Santo Tirso).



D. Mariana Antónia de Menezes da Costa Fagundes Bacelar. Estando praguezosa e em cama, por intercessão da Sr. das Fontes ficou livre. A 1794.

N.ª S.ª das Fontes. "Milagre" de D. Mariana Antónia de Menezes da Costa Fagundes Bacelar. Museu Municipal de Pinhel.



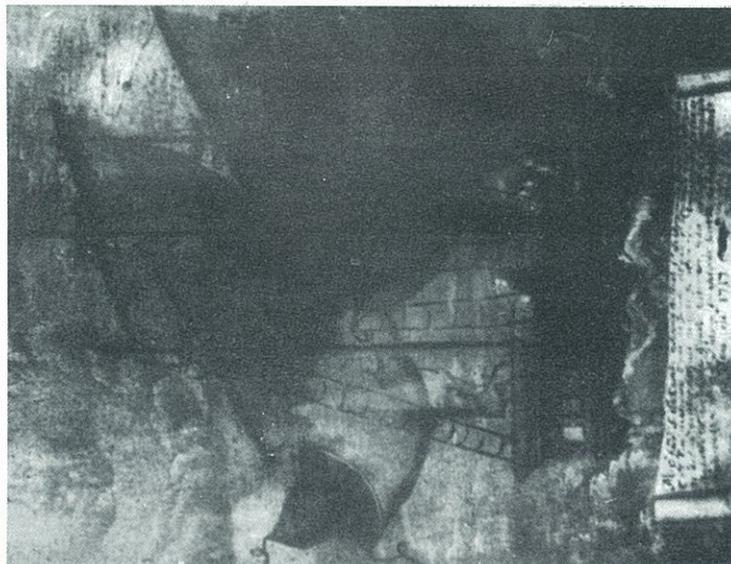


N.ª S.ª da Encarnação. "Milagre" de Maria Josefa de Mesquita. Museu de Etnografia e História do Distrito do Porto.



S.ºr Jesus da Piedade. "Milagre" do Dr. José de Sequeira Pinto. Igreja do Senhor Jesus da Piedade de Elvas.





N.ª S.ª do Castelo (Mangualde). "Milagre" de António do Couto. Santuário de N.ª S.ª do Castelo.



Fr. Casimiro (Balsamão). "Milagre" de Catarina Luís. Convento de N.ª S.ª de Balsamão, Chacim (Macedo de Cavaleiros).





N.ª S.ª do Vale (Cete). "Milagre" de Luís Coelho Furtado. Ermida da Senhora do Vale, Cete (Paredes).



N.ª S.ª do Rosário, do Barreiro. "Milagre" de Ana Joaquina. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.





S.<sup>o</sup>r de Matosinhos. "Milagre" de José de Figueiredo. Colec. da Santa Casa da Misericórdia. Obra do "Mestre de Matosinhos".



S.<sup>o</sup>r de Matosinhos. "Milagre" de Constantino José de Barros. Na mesma Coleção. Também da autoria do "Mestre de Matosinhos".

